

PCN's e ensino de filosofia na escola pública: desafios e perspectivas

PCN's and teaching of philosophy in public schools: challenges and prospects

Luis Carlos Carlos Ribeiro Alves*

RESUMO: Este artigo objetiva analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCNEM e as orientações ligadas à eles produzindo uma reflexão sobre a posição destes quanto à filosofia e seu ensino, caracterizando os principais desafios enfrentados pelos filósofo-educadores. Além dos Parâmetros Curriculares e das orientações posteriores do Ministério da Educação brasileiro aponta para as reflexões de filósofos como Kant e Hegel acerca da possibilidade do ensino-aprendizagem da filosofia, dialogando com reflexões contemporâneas acerca do ensino de filosofia encontradas em livros e artigos em revistas científicas, procurou-se investigar e discutir a partir dos desafios encontrados pelos filósofo-educadores na sua prática docente e as perspectivas que se apontam como possíveis soluções a esses desafios. A metodologia da pesquisa foi a Revisão de Literatura seguida de estudo de caso acerca de metodologias utilizadas no ensino de filosofia nas escolas públicas de ensino médio. Os resultados permitiram verificar a importância da filosofia para o pleno desenvolvimento do educando, sobretudo quando são utilizadas metodologias de ensino que relacionam textos filosóficos a problemas do cotidiano dos estudantes, possibilitando um ensino de filosofia e um filosofar a partir da própria realidade dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Desafios. Ensino de

ABSTRACT: This article aims to analyze the National Curricular Parameters of High School - PCNEM and guidelines related to producing them to reflect on their position regarding their teaching philosophy and characterizing the major challenges faced by philosopher-educators. In addition to the Curriculum and the subsequent guidelines of the Ministry of Education Brazilian part of reflections of philosophers like Kant and Hegel on the possibility of teaching-learning philosophy, dialoguing with contemporary reflections on the teaching of philosophy found in books and articles in scientific journals, sought to investigate and discuss the challenges encountered from the philosopher-educators in their teaching practice and the perspectives that suggest possible solutions to these challenges. The research methodology was followed Literature Review case study about methodologies used in the teaching of philosophy in public school education. Results showed the importance of philosophy to the full development of the students, especially when using teaching methodologies that relate to the philosophical texts of the everyday problems of students, providing a teaching philosophy and a philosophy from the reality of students.

KEYWORDS: Challenges. Teaching Philosophy. PCNEM. Perspectives.

* Especialista em Ensino de Filosofia – FINOM e professor do Instituto de Educação e formação Teológica - IFETE. E-mail: l.c.ribeiro.alves@hotmail.com

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p.215-223
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

1. Introdução

A Filosofia desde o mito da Caverna de Platão se manifesta como o olhar que liberta, que ilumina a vida daquele que esteve preso na escuridão conhecendo apenas sombras, deixando de tomar conhecimento por muito tempo do mundo verdadeiro, daquele que gerava as sombras. Como trazer a filosofia nessa perspectiva para o Ensino Médio? Como se ensinar filosofia no ensino médio já que sequer dispomos de materiais didáticos adequados para tal? Seria ideal a existência de um material didático de filosofia? Todas essas são perguntas que inquietam qualquer jovem professor, ou filósofo-educador, o professor de filosofia, como afirma Gelamo¹ o filósofo quando sua ocupação é ser professor de filosofia, sobretudo, quando acaba de sair da Universidade e ingressar direto para o exercício da docência em sala de aula do ensino médio.

Existiria uma receita para o ensino de filosofia ser tão útil e interessante quanto qualquer outra disciplina? A primeira atenção que gostaria de chamar é exatamente ao fato de chamarmos a filosofia de disciplina, isso seria um grande erro, se focarmos no que afirmam em suas orientações os PCNEM – Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio; que afirmam ao mesmo tempo que esta é uma disciplina, entretanto abrem uma vasta perspectiva de utilização das correntes filosóficas e suas reflexões numa perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar, sendo que seu foco não está no que se vê, como os textos e os livros didáticos, que determinam conteúdos a serem trabalhados, mas no “olhar que liberta”, ou seja, no desenvolvimento das competências e habilidades necessárias ao pleno exercício da cidadania, com uma leitura significativa de textos filosóficos ou não, debate argumentativo a partir dos temas filosóficos e da realidade em que vivem os estudantes, e sobretudo uma reflexão crítica da realidade.

Nessa perspectiva não seria natural da filosofia ser uma disciplina ou requerer um livro didático específico, mas sim um processo de construção com base no que os estudantes trazem de seu mundo em contato com o que está disponível no cardápio filosófico.

Este trabalho se divide em três partes que refletem acerca dos desafios de se ensinar filosofia para os jovens do século XXI, não temos a pretensão de oferecer receitas prontas, mas de refletir sobre as formas de se ensinar e se construir criticamente a consciência de nossos jovens, bem como o desenvolvimento das competências e habilidades indicadas pelos PCNEM's.

No primeiro momento traz à reflexão a legislação da educação brasileira especificamente em relação ao nível médio de ensino e o ensino de filosofia no mesmo, enfatizando as competências e

¹ GELAMO, Rodrigo Pelloso. *O ensino de Filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 215-223
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

habilidades indicadas pelos PCNEM's visando efetivar as garantias oferecidas pela lei 9394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Discute, a utilização de temas transversais nas aulas de filosofia, enfatizando os desafios encontrados pelos professores, as perspectivas do fazer docente nessa disciplina, bem como o trabalho dessa disciplina numa perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar, com foco no alcance do desenvolvimento das competências e habilidades descritas nos PCNEM's, tais como o desenvolvimento de uma consciência crítica por parte do discente, possibilitando-lhe o pleno exercício da cidadania.

Por fim, apresentaremos nos resultados relacionados aos desafios e às perspectivas a partir de algumas possibilidades de experiências que podem ser desenvolvidas nas salas de aula de filosofia, numa perspectiva interdisciplinar, sem abandonar os textos e a tradição filosófica, mas com base, na formação crítica levando em conta a efetiva realização dos indivíduos como cidadãos participativos e críticos da sociedade em que vivem, capazes de transformar a realidade a partir de uma reflexão que se manifeste numa prática de transformação social, sendo esta condição de possibilidade da realização da garantia da LDB, de que ao final do nível médio o estudante deve ter conhecimentos de filosofia e sociologia que garantam o pleno exercício da cidadania.

2. Desenvolvimento

Este trabalho, por meio de uma revisão bibliográfica, pretende analisar o contexto em que ocorre a obrigatoriedade do ensino de filosofia nas séries do ensino médio, partindo desde a citação da importância da formação filosófica do sujeito na LDB até a verificação dos principais desafios encontrados pelos professores e professoras de filosofia em todo o Brasil.

2.1 Legislação da educação e ensino de Filosofia.

A Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 garante em seu artigo 2º (segundo) que a Educação é um dever de toda a sociedade civil e especificamente do Estado, que deve garantir o acesso a todas as pessoas a uma educação de qualidade que prime pela formação humana ao mesmo tempo em que prepara os indivíduos para ingressarem no mercado de trabalho:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 215-223
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Assim o principal objetivo da educação nacional como dever da família, da sociedade civil e do estado e direito de todos os cidadãos é o pleno desenvolvimento do indivíduo, tanto no aspecto da preparação para o trabalho, como para o exercício pleno da cidadania. O artigo 35 da mesma lei, parágrafo III, se refere ao papel do ensino médio e especificamente a importância da formação humana do educando nesse período escolar: "III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;" assim é papel da educação a formação humana do cidadão; no artigo que se segue, que se refere à oferta de disciplinas trata da Filosofia e da Sociologia no parágrafo IV, este foi modificado pela Lei 11.684 de 2 de junho de 2008: "IV – serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio, modificação esta, incluída na Lei de Diretrizes e bases pelo efeito da Lei nº 11.684 de 2008. No primeiro texto aparecia: " domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania." sendo que nesta não estão referidas de forma clara a necessidade das disciplinas Filosofia e Sociologia, mas apenas dos conhecimentos das mesmas, o que poderia ser função de qualquer outra disciplina, ou mesmo de todas elas.

Quanto aos Parâmetros Curriculares Nacionais, quando tratam da Filosofia, apresentam um tratamento de disciplina ao mesmo tempo em que abrem um vasto leque de possibilidades para seu ensino, criando uma ambiguidade, que nos leva a muitos questionamentos, tais como: a filosofia é uma disciplina ou não? É possível conceber a ideia de um livro didático de filosofia? O que ensinar, a história da filosofia e dos filósofos ou discutir temas de origem filosófica com os alunos?

Essas são algumas das perguntas geradas a partir do contexto da apresentação do ensino de Filosofia no que concerne à legislação específica que trata do mesmo. Estes, responsáveis por despartar inúmeras perguntas filosóficas na mente daqueles que, ao concluírem um curso superior de filosofia, preocupa-se em ofertar de forma honesta seu trabalho como filósofo-educador, dado o tratamento não muito claro concedido à filosofia pelos PCNEM, embora, isso tenha se tornado menos obscuro com a promulgação da Lei 11.684/2008 que trata da obrigatoriedade do ensino de filosofia.

A seguir daremos uma ênfase maior a esses desafios filosóficos com os quais se defrontam os filósofos quando recém-formados decidem se dedicar ao ensino de filosofia, sobretudo no contexto da escola pública, contexto este, onde se avolumam os problemas, graças à carga horária reduzida, a superlotação das salas de aula, dentre outros problemas.

2.2 Desafios

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 215-223
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

Ao ingressar no mercado de trabalho, saído de uma instituição de ensino superior, qualquer graduado em filosofia, necessariamente filósofo, ou mesmo aqueles que lecionam a disciplina sem ter formação, mas com seriedade o bastante para não fazer dela uma brincadeira ou uma recreação, depara-se com inúmeros desafios e preocupações, aqui procuraremos elencar alguns desses desafios e reflexões filosóficas acerca dos mesmos, visto que o problema do ensino de filosofia é um problema necessariamente filosófico.

O maior dos desafios se refere segundo Sílvio Gallo, à estrutura dos cursos de graduação em filosofia, pois os cursos de licenciatura deixam de lado muita formação filosófica em favor da formação do educador, segundo o pensador “não basta um conhecimento “técnico” de como dar aulas nem mesmo conhecimentos teóricos no campo educacional, agregados a conhecimentos filosóficos específicos adquiridos no departamento de filosofia, para formar um bom professor dessa cadeira”.² Assim, o autor destaca a importância de uma preocupação realmente filosófica com o ensino de filosofia, destacada das teorias pedagógicas, dado que este é mais um problema filosófico.

Outro desafio encontrado pelos professores de filosofia, ou filósofo-educadores, logo ao assumirem essa posição é a pergunta: “que filosofia ensinar?” De início aparenta ser uma pergunta propriamente didático-pedagógica, constituindo-se, entretanto, em mais um problema filosófico, com o qual o filósofo-educador deve se preocupar e filosofar. O filósofo-educador, que, deve antes de mais nada, ser filósofo, não pode tentar fazer com que seus discípulos/alunos conheçam toda a filosofia, mas também não pode deixar de lado de todo a história da filosofia. É preciso que tenha clareza de que perspectiva de filosofia quer adotar.

Um dos grandes riscos é fazer uma transposição pedagógica, e tentar transmitir todo o conhecimento adquirido na Universidade para os alunos, como um compêndio de conhecimentos, que por fim não levam o aluno a pensar e a amadurecer. Segundo Gallo, como já denunciava Nietzsche “o desprezo pela filosofia pode ser provocado quando, em seu ensino, ela não aparece conectada à vida”³.

Seria possível ensinar filosofia da mesma forma que se ensina matemática, química ou outra matéria do currículo escolar? Essa é mais uma questão filosófica que deve preocupar o filósofo quando este assume o papel de educador. Chevallard⁴ criou um conceito para a educação matemática que se pretendia servir também às demais disciplinas, a chamada transposição didática, que se refere à ação de baixar o nível dos saberes ensinados na escola em relação ao conhecimento acadêmico da mesma. Na filosofia haveria essa possibilidade? Como isso seria possível?

² GALLO, Sílvio. *Profissão Professor*. In. *Discutindo Filosofia [Especial]*. São Paulo: Escala Educacional. 2009. PP. 8 – 10.

³ GALLO, Sílvio. *Profissão Professor*. In. *Discutindo Filosofia [Especial]*. São Paulo: Escala Educacional. Ano 2009. PP. 8 – 10.

⁴ CHEVALLARD, Yves. *La transposición didáctica del saber sábio al saber enseñado*. Tradução de Claudia Gilman. 3.ed. Buenos Aires: Aique 1998.

Cerletti⁵ nos dá um exemplo de como isso seria possível e dos riscos que essa suposta solução traz. Ele levanta questionamentos a partir da forma como a filosofia é ensinada na escola. Toma um exemplo, da ética kantiana, ensinada muitas vezes por meio de uma adaptação da mesma. Questiona-se se o professor (filósofo-educador) realmente transmite o que seria a filosofia kantiana quando está lecionando o texto adaptado, se este teve acesso e leu com profundidade os textos do próprio Kant. Por fim podemos a partir disto questionar se seria possível simplificarmos os conhecimentos filosóficos e até que ponto isso seria possível sem desvirtuar completamente seu significado.

Essa questão gira, portanto em torno de um dos grandes problemas filosóficos da atualidade: a possibilidade da existência de uma metodologia para o ensino de filosofia. Como ensinar algo, que consiste em sua origem em uma busca constante, “uma distancia ou um vazio que não acaba de encher”⁶.

Diante desses desafios aparecem para nós algumas perspectivas importantes que temos que considerar no ensino de Filosofia, sobretudo no nível médio, onde esta deve ter caráter diferenciado do ensino de filosofia nas Universidades, a seguir, daremos ênfase a essas perspectivas e reflexões que nos permitem amadurecer e desenvolver a compreensão do que seria ensinar e aprender filosofia no ensino médio.

2.3 Perspectivas

Diante dos desafios que podemos encontrar enquanto filósofo-educadores se mostram ao final algumas perspectivas, caminhos e possibilidades. A primeira delas é ter clareza de que tipo de filosofia se quer ensinar e aprender, o que está intrinsecamente ligada ao tipo de professor de filosofia que a escola pode ter. É preciso que o professor de filosofia se perceba primeiramente como filósofo, apaixone-se pela filosofia, seja atuante, para assim, fazer com que seus alunos também gostem da disciplina e sintam também vontade de filosofar. É preciso que as aulas de filosofia sejam verdadeiros laboratórios de experiências do filosofar, laboratórios de criação de conceitos, muito mais produtiva do ponto de vista dos discentes que o estudo da história da filosofia ou apenas um encadeamento de análise de temas dominantes da filosofia.

A partir dos questionamentos que desafiam os filósofos-educadores, o professor Silvio Gallo, traça algumas perspectivas relacionadas à formação inicial do professor de filosofia para que ele possa se adequar aos desafios que tem que enfrentar no dia-a-dia em relação à sua prática docente.

⁵ CERLETTI, A. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Autêntica Editora: Belo Horizonte, 2008.

⁶ CERLETTI, A. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Autêntica Editora: Belo Horizonte, 2008. P. 24.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 215-223
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

O primeiro ponto a ser destacado é “o domínio abrangente e crítico da história da filosofia, com visão a um só tempo panorâmica e aprofundada”, de modo que o professor não se prenda apenas a alguns aspectos da filosofia ou de alguns filósofos para efetivar a sua prática.

Outro fator é o “desenvolvimento de uma postura ativa perante a filosofia, isto é, a disposição de ser, ele próprio filósofo, de fazer o movimento de criação conceitual (ser ao mesmo tempo, pesquisador e professor, não um pesquisador que unicamente comenta e reproduz, mas alguém que cria)”; isto é, tem que ser criativo e apaixonado por aquilo que ensina, só assim será capaz de chamar verdadeiramente a atenção de seus alunos para uma postura verdadeiramente filosófica.

É fundamental que o professor tenha um “amplo domínio da cultura dos estudantes do ensino médio, para poder ‘fazer a ponte’ com eles, garantindo a comunicação. Nas aulas de filosofia, em especial, parece-me importante a tática da sensibilização para os temas e problemas, por meio do uso de recursos extrafilosóficos, como cinema, música, literatura, teatro, etc.,” O professor de filosofia não pode fazer-se presente na vida de seus alunos somente na sala de aula, mas muito além disso, deve ser capaz de entrar no mundo a que eles pertencem, compreender os elementos que influenciam os comportamentos e as relações sociais de seus alunos, de modo a contextualizar o ensino de filosofia à realidade dos estudantes, de modo que estes se sintam valorizados e capazes de assim como o professor se tornarem filósofos.

Essa perspectiva é orientada a partir do pensamento kantiano, que defende que não se pode ensinar a filosofia, mas apenas ensinar-se a filosofar, o mais importante é que o discípulo se torne capaz, não de repetir o pensamento do mestre, mas ser capaz de construir sua própria opinião de maneira crítica e reflexiva.

Outro fator crucial para a prática docente do filósofo-educador é o “domínio das técnicas de leitura de textos filosóficos, necessário para mediar a relação de seus alunos com tais escritos em atividades de leitura coletiva e individual”, este fator deve ser considerado cuidadosamente, visto que o professor de filosofia não pode perder-se ou dar informações erradas acerca do pensamentos de alguns filósofos, sendo para isso necessário um conhecimento claro das teorias; pois é muito perigoso, como citamos acima, o caso em que o professor dá uma aula sobre Kant, sem sequer ter lido uma obra do autor, ou tendo acesso apenas a “resumões” dos mesmos, que muitas vezes tendem a ser carregados de erros conceituais. O domínio da leitura é necessário para que o professor possa até mesmo despertar a curiosidade dos alunos de conhecer esses pensadores.

Por fim é importante que o professor de filosofia, ou filósofo-educador possua o “domínio das técnicas de redação de textos filosóficos, necessários para mediar a produção dos estudantes.”, podendo orientá-los e oferecer apoio para que possam produzir reflexões filosóficas maduras e críticas, contribuindo no desenvolvimento de suas competências e habilidades básicas.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 215-223
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

Uma perspectiva que gostaríamos de destacar, além do professor Silvio Gallo, é da importância de o professor de filosofia ser filósofo, atuante, e que procure sempre despertar nos estudantes uma ansiedade filosófica; além disso, caminhamos ultimamente para uma nova tendência que é a interligação entre estudo da história da filosofia e temas, intermediados pela reflexão e discussão em grupo, culminados pela produção de texto, que permite aos alunos desenvolver suas competências e habilidades de leitura e escrita, além se tornarem capazes de exercitar seu pensamento crítico e expor suas opiniões tanto de forma oral como escrita. Essa é uma experiência que temos realizado na Escola de Ensino Médio São Sebastião, pertencente à rede pública estadual do Ceará, ofertando as três séries do ensino médio nos horários matutino, vespertino e noturno, sendo que leciono filosofia em todas as turmas, que somadas tem em torno de 762 alunos, e tem sido bastante produtiva a experiência, que foi fruto de um projeto para aplicação na escola durante a licenciatura em filosofia e alcançou resultados bastante favoráveis.

Conclusão

Por fim é crucial destacar que o percurso do indivíduo, do ingresso na universidade à prática docente no ensino médio é perpassada por muitos desafios, estes que devem ser enfrentados com uma atitude filosófica, capaz de levantar questionamentos e refletir com profundidade sobre eles, não deixando de lado os caminhos apontados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCNEM, assim como interligando preocupações de pensadores da história da filosofia com preocupações do cotidiano.

Um pressuposto crucial é o de que o professor de filosofia deve ser antes de tudo filósofo, por isso é importante a expressão filósofo-educador para designá-lo, não como alguém que ensina a filosofia ou a transmite, mas como alguém que atua e inspira os que estão a seu redor a tomar a mesma atitude. Por isso é necessário preocupar-se de maneira filosófica com uma metodologia do ensino de filosofia, não como uma receita pronta, mas como uma atitude que relacione textos e temas aos problemas que os alunos possam identificar no seu cotidiano, possibilitando o desenvolvimento de um ensino de filosofia contextualizado a realidade dos estudantes, preparando-os eficazmente para o exercício da cidadania.

Referências

BRASIL – *Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996*. LDB. Brasília, 1996.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 215-223
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

- CEARÁ, Secretaria de Educação. *Metodologias de Apoio: Matrizes Curriculares para o Ensino Médio*. Fortaleza: SEDUC, 2009. (*Coleção Escola Aprendiz V. 1*)
- CEARÁ. *Metodologias de Apoio: áreas de Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Fortaleza: SEDUC, 2008. (*Coleção Escola Aprendiz V. 4*)
- GALLO, Silvio. *Profissão Professor*. In. *Discutindo Filosofia [Especial]*. São Paulo: Escala Educacional. Ano 1. n° 3. PP. 8 – 10.
- GELAMO, Rodrigo Pelloso. *O ensino de Filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- HEGEL, G. W. *Escritos Pedagógicos*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1991
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril cultural, 1980.
- KOHAN, Walter O (org.). *Filosofia: Caminhos para seu Ensino*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008 (Coleção Sócrates)
- MEC. *Ciências Humanas e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEB, 2008. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, V. 3)
- MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – Parte IV – Ciências Humanas e suas tecnologias*, Brasília, 1999.
- MEC. *PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002b
- RAMOS, Cesar Augusto. *Aprender a Filosofar ou a Filosofia: Kant ou Hegel?* In *Revista Trans/Form/Ação* n.30 Vol 2, 2007. pp.197-217. Disponível em <www.scielo.br/pdf/trans/v30n2/a13v30n2.pdf> Acesso em 21 out. 2010.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 215-223
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------